



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

O mal-assombrado dia diário em Clarice Lispector *The haunted daily day in Clarice Lispector*

Luiz Antonio Mousinho¹

RESUMO: O artigo aborda o conto Amor, de Clarice Lispector, do livro *Laços de família*, observando como o texto tensiona as oscilações entre o familiar e o estranho (FREUD, 1987) na representação das relações familiares e como instaura uma percepção desautomatizada (CHKLOVSKI, 1973) a partir do embate da personagem Ana com seus *outros* sociais (o cego, a percepção da fome de crianças). As relações ficção e sociedade serão observadas no conto (visto em correlação com outros textos da autora), com atenção às categorias narrador e focalização (GENETTE, 2017) e a formulações da crítica cultural (ADORNO, 2000; ADORNO, HORKHEIMER, 1980; MATOS, 1993; NIETZSCHE, 1987). Percorremos ainda aspectos simbólicos presentes na obra abordada (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; ELIADE, 1996), observando também a questão da ocorrência de *epifanias* na obra, dialogando quanto a esse e outros aspectos com a fortuna crítica da escritora.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Narratologia; Ficção; Sociedade.

Abstract: The article deals with the short story Love, by Clarice Lispector, from the book Family Ties, observing how the text tensions the oscillations between the familiar and the uncanny (FREUD, 1987) in the depiction of family relationships, and how it instills a foregrounded perception (CHKLOVSKI, 1973) from the clash between the character Ana with her other peers (the blind man, the perception of hunger on kids). The fiction and society relations will be observed in the short story (seen in correlation with other texts from the author), with attention to the narrator and focal/ization categories (GENETTE, 2017) and the formulations on cultural criticism (ADORNO, 2000; ADORNO, HORKHEIMER, 1980; MATOS, 1993; NIETZSCHE, 1987). We will also go through symbolic aspects present in the approached work (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; ELIADE, 1996), observing as well the issue on the occurrence of epiphanies in the work, dialoguing on this and other aspects of the critical oeuvre of the writer.

Keywords: Clarice Lispector. Narratology; Fiction; Society.

¹ Professor Titular do Departamento de Comunicação, da Pós-graduação em Letras - PPGL e da Pós-graduação em Comunicação - PPGC da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Desenvolve pesquisa junto ao CNPq (PQ) sobre as relações entre ficção e sociedade. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, fez mestrado em Letras na mesma instituição e doutorado em Teoria e história literária na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Foi bolsista de Produtividade em pesquisa - PQ do CNPq entre 2009 e 2021. É autor de *Uma escuridão em movimento: relações familiares em Clarice Lispector* (EDUFPB, 1997) e *A sombra que me move: ensaios sobre ficção e produção de sentido* (cinema, literatura, TV) (EDUFPB, 2012).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Introdução

O mundo se me olha. Tudo olha para tudo, tudo vive o outro [...] as coisas sabem as coisas.

Clarice Lispector – *A paixão segundo G.H.*

No volume *Laços de família*, publicado em 1960, os laços servem como metáfora para unir contos que tematizam as relações familiares em ambientes de classe média. Ligações atadas por atitudes que pressupõem limitações absorvidas pela rotina e que impedem a deriva, unem e amarram. Nos contos é recorrente a explosão de *epifanias* que desestabilizam os parâmetros dessas vidas presas ao forjamento de uma naturalidade grudada sobre a superfície das coisas e então vê-se a obra literária, tanto tematicamente como no plano da linguagem, armada em desfazer tal naturalidade superposta como fina e frágil fórmica sobre a estranheza do mundo.

Vários autores usam o termo epifania em relação à obra de Clarice Lispector. Um deles é Affonso Romano de Sant'Anna (SANT'ANNA, 1973, p.187). O autor esclarece que, "no sentido místico-religioso, epifania é o aparecimento de uma divindade e uma manifestação espiritual". Para Sant'Anna, aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma súbita revelação". Haroldo de Campos, por sua vez, lembra que a palavra encontra o seu "rebatismo e prestígio modernos" na estética joyceana (CAMPOS, 1979, p.12-13). Olga de Sá assinala que a epifania "é expressão de um momento excepcional, em que se rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanicismo e vazio" (SÁ, 1979, p.106). A autora faz ainda uma afirmação da epifania clariceana não apenas como um tema, mas como um *procedimento* (SÁ, 1979, p.105).

Benedito Nunes irá denominar a epifania também como um momento de *descortínio silencioso*. O autor filia o sentimento de náusea que costuma acompanhar o momento



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

epifânico em Clarice, com o sentido que lhe é dado na filosofia existencial. Esse sentido nauseante, segundo ele, ocorre quando "nos sentimos existindo, em confronto solitário com a nossa própria existência, sem a familiaridade do cotidiano e a proteção das formas habituais da linguagem" e "percebemos ainda a irremediável contingência, ameaçada pelo Nada, dessa existência", momento raro que permite "uma compreensão preliminar do Ser" (NUNES, 1976, p.94). Embora possa ser identificada com o pensamento existencialista, a náusea em Clarice Lispector possui na verdade outros matizes, como assinala o crítico paraense. E como afirma a própria autora, ao dizer que sua náusea "é diferente da náusea de Sartre. Ela é sentida mesmo. [...] Eu sei o que é a náusea de corpo todo, de alma toda." (LISPECTOR, 1988, p.300).

Trataremos aqui do conto Amor, com atenção à protagonista Ana, vista em relação com os momentos de isolamento dos laços familiares. Nos contos de *Laços de família*, vemos personagens representados no meio lugar-comum da vida diária, saturada de rotinas automatizadas. (CHKLOVSKI, 1973). Essa relação por vezes é rompida em algumas narrativas, quando a visão se abre em luz intensa, quando o ar seca, ruídos insinuam-se. Em alguns desses instantes, personagens são vistos em horas de isolamento dos pares sociais. Nalgumas dessas situações, eles serão postos a encarnar certas entranhas da vida não percebidas na cegueira diária do mundo racionalizado, administrado. Descoberta, náusea, encantamento mesclar-se-ão por vezes nessas horas, onde pode ocorrer um rompimento (provisório) com o mundo condicionado (ELIADE, 1992), preso às verdades agradáveis, a conceitos que fixam a experiência do mundo.

Traços da errância dos místicos se insinuaram na saída do banal do mundo da casa, no conto Amor. Nele a protagonista passa de sua vida marcadamente regrada ao salto radical do rompimento com o lugar-comum do seu cosmos habitual. Migra para a superação espiritual simbolizada no abandono do lar e na entrega a um mundo natural em cuja selvageria vital brota a percepção do mundo moralmente louco onde assoma a visão das crianças (e dos



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

adultos) que têm fome: “Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada”. (LISPECTOR, 1983, p.26).

Em Amor vemos a personagem Ana oscilando entre o mundo defendido e seu rompimento. A perda de relação com os objetos que mergulha a vida no sem-sentido do homogêneo (ELIADE, 1992), se vê na iminência de ser despertada, o que se faz por uma memória involuntária que eclode, trazendo à tona o socialmente recalcado, o reprimido esquecido.

A verdade agradável

Os textos de Clarice Lispector mostram o quanto a possibilidade da experiência do mundo frequentemente se faz abafada, submersa num modo que se vê cristalizado, embotado em verdades enrijecidas, no mais das vezes traduzidas nos lugares-comuns da vida social.

No seu Sobre verdade e mentira no sentido extramoral, Nietzsche aponta um certo sentido mais utilitário em que a verdade é tomada em sociedade, posta a domar a intranquilidade do mundo. É a partir desse impulso rumo ao apaziguamento que, segundo o filósofo alemão, “é fixado aquilo que doravante deve ser ‘verdade’, isto é, é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem dá também as primeiras leis da verdade” (NIETZSCHE, 1987, p.32).

O autor ressalta que a coisa-em-si é incaptável para o formador da língua pois ele “apenas designa relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas” (NIETZSCHE, 1987, p.33). Concluindo que não “possuímos nada mais que as metáforas das coisas” e que todo conceito reduz as particularidades dos objetos, nascendo por igualação do não igual”, Nietzsche põe-se a perguntar-se sobre o que, afinal, é a verdade. E intui que, como a temos, ela não passa de um “batalhão móvel de metáforas,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias”. Assim “as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornam gastas e sem força sensível. (NIETZSCHE, 1987, p.34).

Dominado por metáforas enrijecidas das quais falava Nietzsche, o homem foge das possibilidades oferecidas pelas intuições, pois não “suporta mais ser arrastado pelas impressões súbitas, pelas intuições, universaliza antes todas essas impressões em conceitos mais descoloridos, mais frios, para atrelar a eles o carro do seu viver e agir”. (NIETZSCHE, 1987, p.35). Nietzsche percebe, no entanto, o movimento de produzir metáforas como um “impulso fundamental do homem”, que nem sempre se deixa endurecer na inflexibilidade dos conceitos. É assim que ele nos fala de um outro leito do rio, fora da “praça forte” dos conceitos: o território da arte e/ ou do mítico, onde em si plantando, pode-se fugir à superfície pedrada do solo certo e seco dos conceitos. Dessa maneira o homem se põe constantemente a embaralhar as rubricas e compartimentos

dos conceitos, propondo novas transposições, metáforas, metonímias, constantemente ele mostra o desejo de dar ao mundo de que dispõe o homem acordado uma forma tão cromaticamente irregular, insequentemente incoerente, estimulante e eternamente nova como a do mundo do sonho. É verdade que somente pela teia rígida e regular do conceito o homem acordado tem certeza clara de estar acordado, e justamente por isso chega às vezes à crença de que sonha, se alguma vez aquela teia conceitual é rasgada pela arte” (NIETZSCHE, 1987, p.36).

Nietzsche faz uma oposição entre o homem escravizado à parafernália dos conceitos, “o homem indigente”, e aquele “cujo intelecto tornou-se livre”, capaz de tirar proveito dos conceitos torcendo-os e retorcendo-os, desmantelando-os, entrecruzando-os e recompondo-os ironicamente, “emparelhando o mais alheio e separando o mais próximo”. (NIETZSCHE, 1987, p.37). Tomando um partido veemente da intuição, Nietzsche diz, no final de Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral, que o homem guiado pelos conceitos e abstrações não faz mais que se defender, o tempo todo, contra a infelicidade, “sem conquistar das



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

abstrações uma felicidade para si mesmo” (1987, p.38). Como numa crônica de Clarice Lispector, “tudo é muito para um coração de repente enfraquecido, que só suporta o menos, só pode querer o pouco e aos poucos” (1992-b, p.27).

Para Nietzsche, enquanto tal homem guiado pelos conceitos enrijecidos luta constantemente para se livrar da dor, o “homem intuitivo, em meio uma civilização, colhe desde logo, já de suas intuições, fora a defesa contra o mal, um constante e torrencial contentamento, entusiasmo, redenção” (Nietzsche, 1987, p.38), mesmo que, nos instantes em que venha a sofrer, sofra também com muito mais intensidade. Mas traz em si a intuição como uma promessa de felicidade. Uma festa da vontade intuitiva, um dar-se ao risco de apostar na alegria (VELOSO, 1983).

A dor e o prazer vindos com a liberdade que se apresenta serão recorrentes nos vislumbres onde se redescobre o mundo na obra de Clarice. “De repente -- de repente tudo parou”, sofre a protagonista de *A bela e a fera* -- “só seu coração batia, e para quê?” (1992-a, p.110), o que nos diz algo da dor intensa assinalada por Nietzsche. E sobre o prazer da descoberta intuitiva: “Era fascinante” (1983, p.26), goza Ana, em *Amor*.

O conto *Amor* tem como protagonista uma mulher, dona de casa. Seu nome é Ana, ela está em um bonde, saindo de casa. Reflete sobre essa saída, quando repassa sua rotina diária em casa, tarefas domésticas cumpridas, no meio da tarde. Maridos e filhos fora de casa. Ana só -- o tempo meio vazio e mais: certo calor, certo silêncio, algo oco. O recuo temporal para o espaço do lar enlaça várias ocorrências rotineiras, assumidas de maneira iterativa, ou seja, vários acontecimentos recorrentes sendo contados numa única emissão narrativa (GENETTE, s/d, p.16).

Na memória, ela recaptura seus dias, percebidos em evolução, progresso. Sua vida, a que lhe fora possível: sementes plantadas com as “que estavam na mão, nas outras, essas apenas” (LISPECTOR, 1983, p.19). Uma ordem dada a algo de aflito na instabilidade febril



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

de sua juventude passada, fugaz enfermidade que ela quase esquecera. (“Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida”). (LISPECTOR, 1983, p.20). No caso dessa vida anterior, permanecem os estalidos indiciadores da tesoura doméstica que até o momento ela utiliza para vincar a medida das coisas da casa, forjar cortinas. O impulso de um desejo seu vagamente artístico se enforma num apelo pelo gosto do decorativo, domesticando a desordem da casa, da sua vida de antes, procurando domar o indefinido de seu desejo: “há muito encaminhara-se no sentido de tornar os dias mais realizados e belos”. (LISPECTOR, 1983, p.20). A base sólida de tal florescimento se mostra como tendo raiz firme, dirigido pela sua própria “mão pequena e forte” (LISPECTOR, 1983, p.19), mãos como de um lavrador a semear e colher. O início do conto é marcado por vários elementos que indicam campos semânticos relacionados à prosperidade e à fartura da colheita (as crianças que crescem, germinações vegetais, águas que enchem o tanque generosamente). Mas falta algo nesse mundo instaurado por Ana, na sua vida. Certos zumbidos, certo abafado no calor prenunciam a lacuna, algo indefinível, alguma coisa que fora esquecida talvez (“Porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais” diz o narrador do conto Os laços de família). (LISPECTOR, 1983, p.19). Alguma coisa parece ter se perdido no traçado progressivo da sua casa, de seu pequeno cosmos. O momento de ócio é o que ressalta essa falta, de quê? A casa, as coisas, a família, o mundo parecem não precisar mais dela nesses momentos (como está dito no texto), a luz nem é do dia, dói ao dia mas se ofusca em algo que não é noite também. E insinua instaurar “o mal-assombrado dia diário”. (Lispector, 1992-c, p.69).

A luz da casa ainda se indefine, o cansaço honesto do dia completo de trabalho que apaziguaria a ansiedade do momento, não vem. No conto Feliz aniversário o narrador fala sobre "acender o resto das luzes para precipitar a tranquilidade da noite" (LISPECTOR, 1983, p.72). Vê-se a luz interagindo e dando forma ao espaço, configurando-o, atuando no acentuamento das tensões.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

No caso de Amor, o que acompanhamos é a tensão interiorizada de Ana. Permanece indomado o perigo de certa hora da tarde quando “as árvores que plantava riam dela”, quando “nada precisava mais de sua força” (LISPECTOR, 1983, p.20). Os móveis da casa também revelam uma vida viva e insuspeitada como as árvores feitas da mesma madeira irão fazê-lo. Longe do alcance de domesticação, os objetos exibem um mundo à espreita, nos pântanos daquele universo domado de “raízes suaves, entrelaçadas a raízes negras”. (LISPECTOR, 1983, p.21). Um sentido de perdão pelo arrependimento refletido nos móveis traduz a própria tentativa de autoabsolvição da personagem pela culpa do momento de descrença na normalidade das coisas. Noutras situações, a rotina reativa “os calmos deveres” e a faz sentir mais que perdoada, “aureolada” (LISPECTOR, 1983, p.21).

Após o mergulho interiorizado na mente da personagem, onde é feito um balanço dos dias de Ana, a narrativa volta ao espaço empírico do bonde do início do conto, onde vê-se que este “vacilava nos trilhos”, o “bonde se arrastava” (LISPECTOR, 1983, p.21), num movimento cambaleante que vai indiciando o movimento da ruptura provocada pelo cego que será percebido por Ana. Apesar de preso aos trilhos, o bonde é notado trôpego, como Ana o será em breve, e também agora desliza por “ruas largas”. Antecipadoras das trilhas amplas a serem abertas pela dolorosa e promissora percepção ampliada.

A descrição das ruas largas não é feita como mero adendo decorativo, a rua larga não é apontada como tal porque “está lá” e sim porque tem uma função significativa com os nós semânticos da narrativa. Assim, o objeto não é posto apenas para assinalar um efeito de real, para usar a expressão de Roland Barthes (1972). Em outro conto do mesmo livro, Devaneio e embriaguez de uma rapariga, a vibração da Rua do Riachuelo - que “sacudia-se ao peso arquejante dos elétricos” (LISPECTOR, 1983, p.8) – também vai ser elemento gerador de sentidos.

O estranho e o familiar



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Num dado momento de O mal-estar na civilização, refletindo sobre a vida civilizada, Freud assinala que “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1978, p.170). Mas o controle da natureza interior e exterior e a renúncia ascética aos desejos, têm seus limites, suas comportas. Os desejos dos quais se abriu mão continuam inconscientemente a ser disseminados, a lembrança do que se esqueceu não está perdida -- e retorna. O que é estranho já foi familiar um dia. Segundo Freud, o estranho é “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido [...] e há muito familiar” (FREUD, 1987, p.277). A própria palavra familiar (*heimlich*) é fundada em forte ambivalência (FREUD, 1987, p.283), e o estranho é o reprimido que retorna (FREUD, 1987, p.300). Lembrando da máxima expressividade conseguida por Clarice Lispector em textos como Amor, onde há forte unidade de tom (POE, 1973), vale citar trecho do mesmo texto de Freud onde o autor assinala que “existem muito mais meios de criar efeitos estranho na ficção, do que na vida real” (FREUD, 1987, p.310).

No romance *A maçã no escuro* o narrador ressalta que às vezes, querendo ou não, “uma pessoa reconhece o que deseja” (LISPECTOR, 1982, p.49). Esse reconhecimento como movimento desejante pode ser visto em narrativas clariceanas mesmo no caso das famílias que viram o rosto, nauseadas pela visão da pigmeia Pequena Flor estampada nas páginas dos jornais, no conto em A mulher do mundo. Ou na personagem Carla de Sousa Santos, que mergulha em nojo a atração apaixonada diante da ferida aberta de um mendigo, no conto A bela e a fera ou a ferida grande demais. Também na vertigem de Laura, que sucumbe à loucura ao se dar à beleza extrema das rosas em A imitação da rosa. Da mesma forma na tortura e prazer intimamente transgressivos de uma rapariga portuguesa que se quer mãe e esposa, sem deixar de querer-se a rapariga que se abana no Brasil, puta no xadrez da jogatina de um mundo incerto, na vida baixa e revolucionante em que se quer lançada. Ou mesmo Ana que foge para seu amor vertiginoso despertado pela visão pavor do cego mascarando chicletes,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

como veremos a seguir. O que não tem governo, nunca terá (BUARQUE, 1976). Todos as personagens, todas essas narrativas, se fazem reconhecendo o visgo de desejo e fugindo do que reconhecem em sobrepostas camadas de refinamentos mediadores que as impedem de ter a sua ansiada e repugnada desgraça – o desejo do outro, sentindo que “ser um mesmo é condenar-se à mutilação, pois o homem é apetite perpétuo de ser outro”, como sinala Octavio Paz (1990, p. 108).

No conto Amor, a visão, a partir do bonde, de um cego mascando chiclete, passagem já famosa na prosa clariceana, descarrila as construções de vida da personagem Ana. Ressalta os ritmos de seu coração, relembando a exigência das batidas. Ele que agora é percebido e bate “violento, espaçado”, cavando os abismos dos espaços vazios que ela teimava em preencher na “hora perigosa da tarde”. (1983, p.21). Do susto, a visão passa a lhe inspirar ódio e sentimento de insulto. A teia emaranhada do tricô, a semantizar suas construções de vida, vem a ruir no chão. O sentido de arrumação, de eterna assepsia das coisas do mundo, que obceca a personagem, é ferido de morte no desgoverno provocado pela visão do cego, a despertar os mucos do mundo. Os ovos das compras quebrados e o tecido do tricô que ela segurava misturam-se impunemente (“Gotas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede”). (1983, p.23).

A linha do bonde, o fio do tricô, enredam-se como a direção desgovernada da vida de Ana, sua orientação tranquila, nos trilhos descarrilados agora: “A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido”. (LISPECTOR, 1982, p.23). O mundo em linha reta se enovela. O cego é uma saliência, uma crosta que ressalta monstruosa na paisagem lugar-comum de objetos aos quais Ana se faz cega de tanto vê-los. (VELOSO, 1989).

Como noutros contos de Clarice, nesses momentos a percepção ultrapassa a visão rotineira e lugares e objetos torcem sua face imóvel (“as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar hostil, perecível”). (LISPECTOR,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

1983, p.23). O ambiente converge na acentuação ou na tradução de todo esse caos instaurado no íntimo da personagem, de seu cosmos anterior desfeito (ELIADE, 1992), em meio à voragem do átimo de tempo que ilumina a percepção ampliada, desconstruindo em instantes as fachadas falsas de vários anos de prosperidade (“vários anos ruíam”), na noção de progresso ascensional que informa o olhar de Ana.

As ruínas das construções de vida de Ana abrem espaços e larguezas para experimentar o novo, o outro, o diferente, conferindo um sabor de liberdade estonteada. “Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhes que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo de equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir”. (LISPECTOR, 1983, p.23).

Essa liberdade jogada à cara é desnorteadora, envolve porções inexperimentadas de prazer e dor na descoberta, justapondo, em tensos e sumarentos oxímoros, sentimentos opostos (“o prazer intenso com que olhava as coisas, sofrendo espantada”). (LISPECTOR, 1983, p.23-24). Nesse contexto os sons tornam a indiciar o sentido do momento. Se nos contos Devaneio e embriaguez de uma rapariga e Os laços de família o zumbido de um elevador assume caráter revelador, na maneira como vai sendo narrado, em Amor a potência adquirida pelos objetos e pelo mundo em volta ganham “uma força e vozes bem mais altas” (LISPECTOR, 1983, p.24), assinalando o momento perigoso, promissor.

O elemento seco também contamina os objetos nesse momento agônico e revelador (“as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado”) (LISPECTOR, 1982, p.24) e o nome da rua onde se passa o drama íntimo (a exemplo do trecho do bonde) não é um mero conotador de mimese, um elemento posto como ornamento (“Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução”). (LISPECTOR, 1982, p.24). A presença do elevador não busca estabelecer um efeito de real, não pretende ser “a representação pura ou simples do ‘real’, a relação numa do que é”, o que representaria uma “resistência ao sentido”. Roland Barthes assinala que, “na ideologia de nosso tempo, a referência obsessiva ao



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

‘concreto’ [...] está sempre armada como uma máquina de guerra contra o sentido, como se, por uma exclusão de direito, o que vive não pudesse significar -- e reciprocamente” (BARTHES, 1972, p.41).

O nome da rua Voluntários da Pátria, como da rua do Riachuelo do conto anterior, expressa a guerra surda na qual a personagem está silenciosamente envolvida.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca./ Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite” (Lispector, 1983, p.24).

O escuro que parecia o negrume da noite ainda não o é de fato (estamos no entardecer) denotando na verdade o mergulho de Ana no vasto e estranho mundo aberto pela visão do cego, com sua outridade a perder-se indefinível, como numa escuridão em movimento. Ana sente que “as pessoas na rua [...] se mantinham por um mínimo de equilíbrio à tona da escuridão” (LISPECTOR, 1983, p.23). Esta é a escuridão onde ela imerge, num Jardim a lhe revelar frutas pretas, penumbra, sombras vacilantes. Descendo do bonde, a luminosidade deixa a personagem em plena escuridão, cega para as noções cotidianas e corriqueiras, atenta para as suas percepções ofuscantemente ampliadas.

A piedade que toma Ana é o seu espanto ante “a ausência de piedade” que havia em “cada pessoa forte”. A naturalidade das pessoas ante o mundo que explode em volta amplia sua perplexidade. Rompida a vida metódica, os objetos se aguçam, arrepiam-se. A face estranha das coisas salta em meio às mais corriqueiras constatações (“Junto dela havia uma senhora de azul com um rosto”). (LISPECTOR, 1983, p.23).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Em Ana, o movimento de ascensão rumo ao apaziguamento que sentira em construção durante sua vida é quebrado e antes mesmo de descer do bonde, acometida pela náusea, ela “percebeu que há muito passara do seu ponto de descida” (LISPECTOR, 1982, p.24), descida esta que traz referência clara à ruína de sua construção de vida metaforizada no início do conto pela visão do campo semeado. A clareza com que as coisas são agora percebidas a deixa em plena escuridão (“Parecia ter saltado no meio da noite”) (1983, p.24), outro momento em que o escuro está posto a sinalizar para a desorientação da mulher ante a amplidão insuspeitada que se espraia agora à sua frente.

A amplidão para Ana está dispersa na natureza desperta com a qual Ana irá se defrontar num jardim público, no Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro. Olgária Matos observa que Max Horkheimer parte de Descartes como autor de um projeto de subjugação que seria desenvolvido posteriormente no Iluminismo. Tal projeto trouxe uma dominação do homem sobre a natureza de cunho patriarcal, baseado na identidade, com o Eu pensante transformando o mundo exterior “em uma entidade semelhante ao sujeito que irá conhecê-lo”. Para isso, o sujeito se dedia apenas no semelhante e estável, no permanente na natureza, buscando prendê-la, a ela e ao sujeito que a submete, na teia do saber racional matematizável. Sim, pois ao sujeito também lhe seriam destituídas história, memória, paixões, sensações, em troca de um sujeito só do conhecimento, livre dos enganos dos sentidos (MATOS, 1993, p.40).

Pela racionalidade que reduz e cresta o mundo natural com o facho de uma razão que se quer totalmente iluminadora, que não admite sombras, têm-se uma natureza e um mundo desenfeitados, desencantados, “onde nenhum mistério há de restar e, tampouco, qualquer desejo de revelação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1980, p.91). Mundo este que deságua com isso numa “triumfante desventura”, como quererão Adorno e Horkheimer. Os autores colocam que o “programa do Iluminismo era o de livrar o mundo do feitiço. Sua pretensão, a de dissolver os mitos e anular a imaginação, por meio do saber”. Porém, “completamente



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

iluminada, a terra resplandece sob o signo de um infortúnio triunfal”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1980, p.90).

Na travessia de Ana, o triunfo que se revela é de outra matéria, e é o triunfo de algo recalcado que retorna. No jardim, a personagem vê-se envolvida pelo ambiente, com suas sensações integradas ao espaço em volta, onde predomina um sentido de largueza (“tudo era estranho, suave demais, grande demais”). Benedito Nunes percebe que à entrada do Jardim logo “principia por todos os lados o assédio das coisas, já estranhas, mobilizando forças secretas, que se derramam em ação indormida. Presenças sensíveis, outrora familiares, repentinamente estendem garras ocultas, destilam sumos, elaboram volumes e carnações”. (NUNES, 1976, p.98).

Mirando o universo clariceano, Regina Pontieri remete à Merleau-Ponty no que este chama de “olhar de sobrevoos” de Descartes, que substitui o ver e o sentir pelo pensamento de ver e sentir (PONTIERI, 1999, p.22). No rompimento que Martim traça e vive em *A maçã no escuro*, na vertigem que arrasta a personagem Ana, o ver e o sentir, quase nus do pensar, parecem se rerepresentar como uma possibilidade.

O sentido de integração apegado às coisas é percebido por Ana na natureza e é reforçado na sonoridade do texto, com aliterações e assonâncias, no mundo das coisas onde ela olha e se sente olhada: “De longe via a aleia, onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho./ Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes mais apressados da tarde” (1983, p.25).

A descrição do ambiente e das sensações que desperta em Ana é bastante exuberante, marcando a intensidade de vida -- e de morte, presente nos frutos, flores e bichos, descrição encantatória em quatro parágrafos que mostra a explosão de vida e selvageria inocente, onde aromas e podridões se correspondem. Onde sentidos opostos se acasalam (“ruídos serenos”). O olhar percorre “as luxuosas patas de uma aranha”, o banco “manchado de sucos roxos”. O



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

abraço profundo das “parasitas folhudas” com os troncos. A exuberância da natureza é percebida com um profundo sentimento de integração, no qual estão entrelaçados brutalmente os sentidos de “vida e repugnância”, de florescimento e apodrecimento. “Era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Com a repulsa que precede uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante”. (Lispector, 1983, p.26). E ainda: “As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia”. (LISPECTOR, 1983, p.26).

A personagem permanece oscilando entre um atirar-se impetuosamente para o novo mundo e um defender-se no espaço comum do familiar. O movimento em direção à vida recém-descoberta vai ganhando poder como num jogo de forte sedução, onde o medo e a repugnância convivem tensamente com um apaixonado e descontrolado -- vertiginoso desejo, que vai derrubando as resistências do sentimento culpado (“Como a repulsa que precedesse um entrega”). (LISPECTOR, 1983, p.26).

Na descrição das sensações da personagem na caminhada em êxtase pelo Jardim Botânico há um uso saturado do verbo *ser* no imperfeito (“as frutas *eram* pretas [...] Os troncos *eram* percorridos por parasitas [...] o abraço *era* macio, colado [...] *era* fascinante [...] *era* fascinante [...] A decomposição *era* profunda [...] O Jardim *era* tão bonito [...] *Era* quase noite agora [...] *Era* fascinante [...]”) (Lispector, 1983, p.26-27). Na chegada ao apartamento, após a fuga do Jardim, o verbo se repete, na constatação do novo sob a aparência do familiar (“A sala *era* grande, quadrada [...] - que nova terra *era* essa”) (LISPECTOR, 1983, p.26-27).

Essa reiterada repetição do verbo *ser* no imperfeito reforça o tom encantatório de toda a passagem epifânica vivenciada no Jardim e no princípio do retorno ao lar. Além disso, lembra o momento da criação do universo no Gênesis (1977, p.3), com a reiteração da frase que atesta a satisfação divina ante o mundo pouco a pouco concebido (“E viu Deus que isto era bom”). No conto, o que se tem no momento das reiterações é justamente a criação de um novo mundo aos olhos de Ana, a ver uma surpreendente mutação sob seu olhar outrora



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

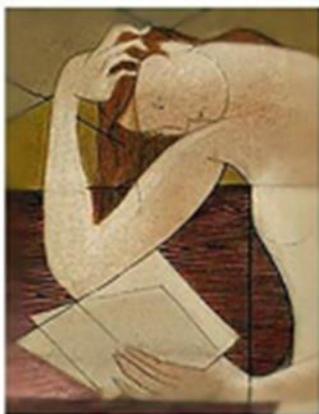
embotado, a perceber o infernal em estranha simbiose com o divino. Vida brotando do nada que era a face morta das coisas antes dela aprender a olhá-las.

Os contrastes entre luz e sombra também vão marcar o viés epifânico, com as percepções atingidas pelo mundo "faiscante, sombrio" (p.26) em volta. Os oxímoros continuarão também a proliferar no conto, marcando um imbricamento, um abraço profundo entre o sentido de vida e morte no texto, traçada no viés sinestésico de que tudo parecia impregnado, assinalado (em oxímoro) numa decomposição profunda, perfumada, envolvendo sobretudo as plantas do Jardim.

Essa integração do ciclo natural vai chocar-se num dilema entre natureza e cultura, quando a crueldade da ordem natural parece se justificar como um ciclo necessário de vida e sobrepor-se à crueldade engendrada pelo mundo civilizado (do qual faz parte a vida familiar da protagonista), visão que é o motor principal da náusea de Ana ("Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra"). (1983, p.26).

Essa outra moral é outra moral em relação à ordem civilizada, e se justifica no enredamento selvagem, com o crime e a morte expostos sem subterfúgios, sem recursos falsos a ocultar refinamentos cruéis, para usar a expressão presente no conto *A menor mulher do mundo*, também de *Laços de família*. Em *Amor*, a "crueldade do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos". (LISPECTOR, 1983, p.26). Morte e vida são tidos num mesmo movimento, não se fazem antagônicos.

Olhando as coisas no Jardim, Ana vai dar um passo na direção de sentir um pouco a integração da ordem natural. O *outro* da natureza vai prosseguir o processo que a visão da alteridade do cego desencadeara. A perda de uma racionalidade que se constitui numa cisão e estabelece uma relação hierárquica entre sujeito e objeto – essa perda, essa queda é uma conquista. (VELOSO, 1989). A subtração do verniz civilizado que lhe protege e entorpece os sentidos, vai sendo sentida aos poucos não só em sua dor, mas também em seu prazer, com a



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

perda da proteção lhe parecendo uma promessa de felicidade ("mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu"). (1983, p.27). A felicidade sem precauções, essa felicidade da contemplação², traz o medo da punição, o prazer e o sentido de culpa ("O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno"). (Lispector, 1983, p.26).

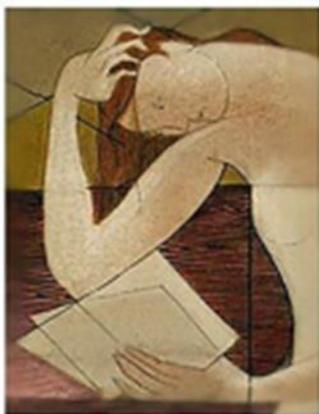
O que a personagem passa a perceber e o desejo lhe desperta é a fome de comer com os dentes os frutos daquela descoberta, postos diante de seus olhos já bem abertos para árvore da ciência do bem e do mal. (1977, p.3-4). A narrativa toca em alguns aspectos, novamente, do Gênesis, com o perigo do Inferno pairando ante a tentação de provar da árvore da ciência do bem e do mal, onde habita o fruto proibido. No caso, o perigo para Ana é o de perder-se para o mundo comum da racionalidade prática, para o recalçamento do desejo.

A precibilidade e o que há de sujo no Jardim também se contrapõem ao mundo doméstico de ordem e limpeza da personagem, com cada coisa em seu lugar, desentrelaçadas, ocultadas a violência e a morte. A desordem do Jardim tanto mais lhe nauseia como lhe fascina à medida que vai se impondo como uma *outra* ordem. O vagar de Ana, a reviravolta na sua percepção seca e cegada vai levar a um contato com o rebentar da vida, onde as coisas se respondem, correspondem-se. Esse passo para fora de casa, para dentro das coisas do mundo, traz a chave de uma missão, de um transe onde o corpo vai deixando, ele mesmo, levar-se a si próprio, e mais acordado que nunca.

Nesse afastamento do lar, ocorre um abandono por um instante, mas aquele instante basta, pois "se num instante se nasce, e se morre em um instante, um instante é bastante para uma vida inteira" (1982, p.110), como é sabido no contexto clariceano, que se entrama num grande texto onde textos inúmeros se correspondem e imantam-se uns aos outros³. Em Clarice, afirma Affonso Romano de Sant'Anna, "os textos se remetem a si mesmos num jogo de espelhos e repetem algumas obsessões temáticas e estruturais". (1988, p.239).

²Felicidade da contemplação extirpada pela técnica, segundo Adorno e Horkheimer (1980, p.90).

³Como também sugerem Roberto Corrêa dos Santos (1987, p.73) e Regina Pontieri (1999, p.24).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

No cartesianismo que informa a sociedade tecnocratizada e imersa numa razão fechada e positivista, Olgária Matos percebe que a dominação da natureza interior e exterior “são um único e mesmo projeto. Descartes institucionaliza a rivalidade entre Eu e o Mundo, ao conceber o dualismo intransponível entre o corpo e o pensamento, fazendo das paixões elementos de perturbação da razão, de modo a tornar inconciliáveis Eros (o impulso do Amor) e a razão”. A autora afirma ainda que a “razão é puro efeito de conhecimento e de subordinação das paixões e da natureza externa para seus próprios fins” (MATOS, 1993, p.41).

Na passagem pelo Jardim, passagem infinita, passagem de um minuto – é transgredida a fronteira do mundo condicionado. A liberdade se instala pelo cosmos de um corpo que se supera a si mesmo, transcendendo ao amorfo, ao sem-sentido no qual se instalara o seu próprio cosmos anterior (ELIADE, 1992), automatizado a cada dia, privado a cada instante da experiência do mundo pelo aferramento ao mundo defendido. Mundo no qual os homens e as coisas se ignoram. Onde o corpo desconhece a si mesmo, o olhar para um mundo selado não abre vãos para os desvãos do ser; não há mais nenhum mistério a ser desvendado e a impulsionar o gosto pela aventura de viver. O corpo, desencantado, quando muito, só quer pensar as razões práticas.

A travessia do jardim traz de volta todo um mundo socialmente reprimido, toda um vivido recalcado culturalmente que se adensa em camadas profundas. A maneira como a personagem interage com a natureza, numa sensação abrangente, inclusiva, pode remeter ao que Freud chama de sentimento oceânico. Tal sentimento adviria da sensação de algo ilimitado, sem fronteiras, ligado à esfera religiosa e talvez tenha se originado da possibilidade de o ego ser, a princípio, completamente inclusivo, totalmente abrangente, com a percepção e delimitação de um mundo externo acontecendo posteriormente, ao longo do desenvolvimento da criança. (FREUD, 1990, p.81-82).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Regina Pontieri percebe um projeto clariceano de destruição de certa concepção do sujeito vinculado ao sujeito cartesiano, este visto, a partir de Marilena Chauí, como “um poder totalizador que se debruça sobre si mesmo, sobre os objetos, e sobre os outros homens para determinar, isto é, decidir seu sentido”. (CHAUÍ apud PONTIERI, 1999, p.20). Para a autora, a forte aderência ao mundo por parte de certos personagens clariceanos vai desestabilizar tal conceito de sujeito, como na personagem G.H., onde o ver e o ser visto traz uma relação de alteridade que não é unívoca, mas reversível. Regina Pontieri assinala ainda que o projeto de integração em Clarice faz-se “como copresença dilacerada de elementos antagônicos”. Assim, “conviver com o antagonismo parece ser o procedimento que torna possível não só impedir a exclusão e a redução de um dos lados ao outro; mas também mostrar que no fundo de sua diferença está a raiz que os sustenta num solo comum”. (PONTIERI, 1999, p. 22-23).

No texto clariceano, persiste a ambição de não determinar uma equação exata e rígida entre o que se vê e o que se sente.

As luzes e as sombras, o seco e o úmido

Toda uma civilização que se havia erguido, tendo como garantia que se misture imediatamente o que se vê com o que se sente, toda uma civilização que tem como alicerce o salvar-se — pois eu estava em seus escombros.

Clarice Lispector - *A paixão segundo G.H.*

O itinerário de Ana pelo Jardim tem marcação de tempo linear no corpo da narrativa, assinalando sua entrada ao entardecer e saída no início da noite, rumo aos horários da casa. Porém, mesclado ao espaço, o tempo vivenciado interiormente tem uma largueza expressiva e imprecisa.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

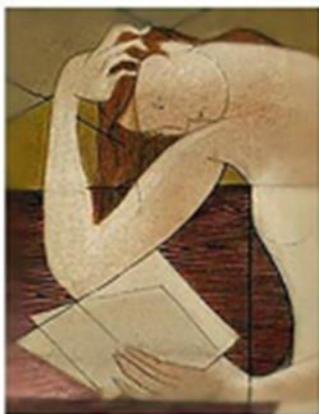
Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

O período que antecipa a entrada no Jardim é marcado pelo elemento *seco*, assinalando o momento primeiro e revelador que antecede a epifania ("as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado"). (LISPECTOR, 1983, p.24). O instante que sucede a saída do jardim também está assinalado pelo seco: "sacudiu os portões fechados, sacudiu-os segurando a madeira áspera". (LISPECTOR, 1983, p. 27).

Benedito Nunes ressalta a presença dos elementos seco e úmido no romance *A paixão segundo GH*. Segundo o autor, "o seco, o úmido, o árido, estão entre as qualidades sensíveis primárias que fornecem a gama de imagens descritivas dos estados de alheamento por que passa G.H., saindo do recesso de sua subjetividade" e dirigindo-se "para o elemento impessoal, anônimo e estranho das coisas com que se identifica numa espécie de união extática. Estádios de um percurso de dor e alegria, de amor e ódio, chegando ao Inferno e ao Paraíso, ao sofrimento e à glória". (NUNES, 1988, XXV).

Recorrente também em várias outras narrativas clariceanas, o elemento seco parece guardar ainda relação com certas facetas codificadas culturalmente, como elemento simbólico. Afinal o seco é uma das "quatro propriedades fundamentais dos elementos que caracterizam o fogo", sendo "uma das calamidades desencadeadas pelos deuses para punir os homens por seus erros" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.886). Isto talvez aproxime a ocorrência em Amor pelo que cabe de culpa, na hora da protagonista romper com o mundo defendido, e o elemento seco surge justamente no momento primeiro, quando a percepção se alarga e o corpo todo nauseia.

Mas embora seja marcado por um sentido negativo ligado à morte e à infertilidade, o seco também tem um aspecto positivo nas Escrituras, como assinalam Chevalier e Gheerbrant, citando a passagem do Grande Abismo aberto no Mar Egeu, como possibilidade de passagem para a Terra Prometida. Assim também o elemento seco pode representar a elevação através da provação.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Num sentido espiritual e psicológico [o elemento seco] pode [...] também designar a alma humana e uma de suas moradas na ascensão da via mística: o período transitório da seca da alma [...] Com efeito, a seca, a secura, designa, em teologia mística, uma fase de provações, durante a qual a alma deixa de sentir seu Deus, não experimenta mais nenhum impulso, não concebe nenhuma ideia: nem a luz, nem calor, nem tato, nenhum sinal da presença de Deus. É a prova do deserto, do fim da vida, em que a própria fé parece ressecar-se. Entretanto, é nessa fase que ela alcança a maior intensidade [...] [e] longe de significar falta de coração, o seco encobre o fogo da paixão (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2020, p.886).

Representando esterilidade, o seco, como “fogo das alturas”, pode significar purificação, sendo estéril “aquele que buscar os consolos terrestres, ao invés de abandonar-se ao fogo ardente das alturas”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.886).

No texto clariceano, o seco não está somente onde aparece a expressão, mas se faz disseminado na infertilidade dos estereótipos dispostos nos dizeres e viveres, bem como na incitação à possibilidade de transcendê-los.

Já o espaço do Jardim é marcado pelas umidades e enredamentos com frutos “doces como mel”, carços como “pequenos cérebros apodrecidos”, “águas a rumorejarem”. (p.26). O sentido de fertilidade e apodrecimento que se vê no espaço narrativo parece produzir na personagem o mesmo fascínio e asco dela pelas ostras “com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava”. (LISPECTOR, 1983, p.27-28). Sentimento equívoco, ambíguo, a cruzar e fundir sentidos rotineiramente separados, correspondências brotadas. A instaurar uma equação entre Ana e as coisas, dotadas da capacidade de responder ao olhar humano. Como irá recuperar Walter Benjamin em Paul Valéry, quando este trata da percepção aurática no sonho, percebendo que “as coisas que eu vejo me veem como eu as vejo”. (VALÉRY apud BENJAMIN, 1980, p.53)

A parte final da narrativa é marcada com a chegada ao edifício onde mora a personagem. Fechando-se lentamente ao espriamento que a pusera em contato profundo com as coisas do mundo, momento em que reencontrara a história de seu corpo, Ana vagarosamente retorna ao cosmos doméstico. Agora sua percepção alargada toca de outra forma os próprios objetos, antes familiares.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

As marcas do que se lhe passara fora de casa são trazidas consigo: a maçaneta, a janela e as lâmpadas da casa onde mora trazem um brilho indiciador e estranho, mesmo nos portais do solo familiar, onde a verdade ainda persiste ferindo os olhos ("as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa?"). O sentido domado da vida parece fatalmente deslocado ("por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver"). (LISPECTOR, 1983, p.27).

O elemento luminoso, carregado simbolicamente, também tem força significativa no texto. Culturalmente, ele guarda uma dualidade fundamental, com sua marcada oposição em relação às trevas. A luz traz ainda presença marcante em religiões de várias épocas e em todas as partes do mundo. Um de seus sentidos recorrentes é o de visão divina, do conhecimento profundo inerente à epifania, pois “toda epifania, toda aparição de uma figura ou de um signo sagrado é cercada de um nimbo de luz pura, astral” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, 638).

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant destacam ainda que, no Evangelho segundo São João (1, 9), “a luz primordial identifica-se com o Verbo; o que exprime de certo modo ‘a irradiação do Sol espiritual que é o verdadeiro coração do mundo’(Guénon)”. Essa “irradiação é percebida ‘por todo homem que vem a este mundo’, precisa São João, voltando ao simbolismo da luz-conhecimento percebida sem refração, isto é, sem intermediário deformante, por intuição direta: esse é bem o caráter da iniciação iniciática”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.636-637). Os autores ressaltam ainda que este “conhecimento imediato, que é a luz solar, opõe-se à luz lunar que, por ser refletida, representa o conhecimento discursivo e racional (2020, p.636-637).

No plano simbólico, a luz dos ritos se relaciona com o conhecimento transfigurador (CHEVALIER; GHEERBRANT, p.641). A luz relacionada com a obscuridade arquetipicamente simboliza os valores complementares ou alternantes de uma evolução. Uma



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

idade sombria costuma ser substituída por outra luminosa, regenerada (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.637). A luz forte, solar, que fere, afasta-se do pensamento racional (simbolizado pela luz lunar) e a alternância entre luzes e obscuridades representa uma evolução em processo. São traços de passagem que estão presentes no texto clariceano, que assume o caráter transfigurador comum à luz dos ritos.

Por outro lado, presentes na luz, as cifras proliferam mesmo é no escuro. “Ele prolifera no escuro”, assinala Freud, falando sobre o desenvolvimento livre do representante instintual, “se retirado da influência consciente pela repressão” (FREUD, 1990-e, p.172). Na obra clariceana, o escuro traz uma resistência ao pensamento racional, à linguagem articulada em conceitos enrijecidos. Em Clarice é no escuro que se sabe. (“Disso eu soube, no primário da noite”) (1992-a, p.433).

Parece haver uma complementaridade nos índices luminosos e nas sombras espessas (no caso do Jardim Botânico) que se adensam no texto, em contraste. “Tanto no Gênesis como na Índia e na China, a operação cosmogônica é uma separação da sombra e da luz, originalmente confundidas”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.637). A coexistência e alternância de zonas de luz e sombra no texto prenunciam a instauração de outros mundos, possibilidades diversas que relativizam as dualidades e incentivam a convivência paradoxal de elementos díspares. “Do ponto de vista dos homens comuns, ensina o patriarca Huei-neg, iluminação e ignorância (luz e trevas) são duas coisas diferentes. Os homens sábios que realizam a fundo sua natureza particular sabem que elas têm a mesma natureza”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.637).

O que há de prenúncio na luz, vai se esmaecendo aos poucos nas últimas páginas do conto. A visão permanece amplificada e a percepção que Ana tem do filho ao chegar em casa é estranhada (“O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, corria e abraçava”). (LISPECTOR, 1983, p.27). Semelhante à percepção de que



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

aquela senhora vista no bonde tinha um rosto. A volta de Ana ao lar está longe de um retorno integral: o sentido de estranheza permanece impregnado nela.

As marcas que ela traz do recém-conhecido mundo estranho não são as marcas apenas da piedade e da culpa por pertencer à "parte forte do mundo" (LISPECTOR, 1983, 28-29), ficando aqui os indícios não ditos da infame desigualdade social brasileira, posta a desestabilizar Ana e tantas outras personagens clariceanas ao se depararem com os desvalidos do Brasil. Os traços das marcas que ainda assomam configuram uma percepção da personagem do quanto havia por debaixo do tapete da sala arrumada da sua vida diária. Ela se enchera com "o demônio da fé". (LISPECTOR, 1983, p.28). "Não havia como fugir". Pois os "dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver". (LISPECTOR, 1983, p.28).

A ostra é a sua *máquina do mundo* (ANDRADE, 1986, p.206), elemento de atração apaixonada e peça repulsiva. Suas entranhas oferecem a visão de outras possibilidades, talvez o que para a portuguesa do outro conto, Devaneio e embriaguez de uma rapariga, seria algo da ansiada vida baixa e revolucionante desejada pela personagem, traduzida pela narradora; ou a atração vermelha da rosa, em *A Imitação da Rosa*; o mendigo de *A Bela e a Fera* e o próprio cego do conto *Amor*, além de tantos outros que abrem perspectiva para o descortínio de uma vida para além do apenas evitar o sofrimento, nessa estreita felicidade da quietude doméstica preservada por Ana. O imaginar as possibilidades dessa outra vida lhe traz vergonha, a marca e o sentido de pecado do desejo.

Mas o seu mundo doméstico agora está invadido pela água saída da crosta rompida, pelo visgo da ostra, e traz neste instante correspondências antes insuspeitáveis com o mundo do Jardim (com sua força vital utilizada no elemento líquido). Jardim diluidor das fronteiras, indefinidor. Jardim, aliás, um próprio símbolo da domesticação da natureza pela civilização e



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

nas entranhas do qual Ana viu outra coisa, que se pôs também a contaminar a ordem do espaço familiar, indefinidas as fronteiras.

O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água — havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta insistente. Horror, horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua quanto o amor ruim. (LISPECTOR, 1983, p.29-30).

Toda a explosão da vida mínima percebida no ambiente doméstico amplia a visão do que ela já soubera no jardim. Um mundo líquido e viscoso, o mesmo ritual secreto se processando. A mesma crueldade no assassinato da formiga, o horror à crueldade mínima percebida com a amplidão da epifania. A languidez, a sensualidade da flor se entregando ao toque das mãos, as carnes e os cremes, o calor e os besouros, a vida proliferando, o visgo, a teia, a vida e a morte grudadas irremediavelmente às coisas.

A agonia e a náusea ante o assassinato involuntário e mínimo também está em duas crônicas da autora, publicadas em *A descoberta do mundo*: “No Rio, na copa de minha casa, matei um mosquito que tremulava no ar. Por que esse direito de matar? Ele era apenas um átomo voando. Nunca mais vou esquecer esse mosquito cujo destino eu tracei...” (1992-b, p.86). E, noutro texto: Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada apenas porque não cometi os meus crimes”. (1992-b, p.160).

Em Amor, uma refeição em família termina iniciando um apaziguamento lento da paixão e pavor da visão epifânica. Marido, filhos e parentes reúnem-se cansados do dia, "felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos" (LISPECTOR, 1983, p.30). As janelas abertas que arejam tal abençoado momento de paz, trazem ao nono andar o ruído de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

um avião que "estremecia, ameaçando no calor do céu". (Lispector, 1983, p.30). O avião aí, como o elevador de outros contos, não está posto na narrativa como mero ornamento. Cumpre o encargo de objeto indiciador da tensão reveladora traduzida pelo ruído, que tem função semelhante em outras narrativas da escritora.

Sobre a personagem, ainda vão pesar as sensações desencadeadas pela visão do cego e a pergunta a respeito de como acomodar aquelas inquietações sobre a sua medida rotina familiar. "O que o cego desencadeara caberia nos seus dias?", se pergunta. "Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago". (LISPECTOR, 1983, p.30-31).

O que o amor e sua crueldade — seu lado escuro —, oculta está denunciado no trecho, onde é feita uma aproximação entre o assassinato silencioso das formigas pisoteadas e a relação com os filhos e onde é aceita também a porção de cruzeza na relação dos amantes ("uma maldade de amante") (LISPECTOR, 1983, p.30), o que é normalmente sonegado à visão por biombos de "refinamentos cruéis". (LISPECTOR, 1983, p.85). A rede de correspondências percebidas sobre as coisas é levada com ela para o ambiente familiar.

Um estouro do fogão (ruído, novamente) a conduz assustada aos braços do marido que num "gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver". (p.31) O ruído do estouro do fogão retorna assim neste momento da narrativa, deslizando seu sentido inicial de uma peça a mais a ser colocada no movimento ascensional da vida familiar de Ana. No começo do conto, o estouro do fogão é descrito em consonância com a visão da cozinha espaçosa e do progresso geral da família, paulatinamente construído, com o já feito e o a ser feito.

Parecendo meio solto em meio ao ambiente de progresso descrito no trecho ao qual nos referimos, o ruído do fogão soa, naquele momento, como algo ainda errado, a ser superado, dentro da agenda de progresso e melhorias, aperfeiçoamento. Retrospectivamente,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

percebe-se com vigor a sua função indiciadora, posta com falsa inocência na primeira página da narrativa.

O gesto do marido de Ana em afastá-la do perigo da vida periclitante provoca a volta ao familiar, assinalada num parágrafo à parte, que se resume a uma única frase: "Acabara-se a vertigem de bondade". O caminho entre o "amor e seu inferno" é apagado pela própria Ana, num gesto antes de dormir, quando, "como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia" (LISPECTOR, 1983, p.31).

Considerações finais

A pequena chama da vela já não traz a centelha de perigo evidenciada no medo de um incêndio iminente ("Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa!"). A flama do dia também já não traz os riscos anteriores, como nos outros contos de *Laços de família*, onde o momento epifânico também se esvazia. Da experiência reveladora, os personagens levam a marca do que foi "ferido nos olhos" (LISPECTOR, 1983, p.28), momento em que acontece o desfecho das narrativas curtas da escritora.

Como assinala Nádia Gotlib, ao longo dos 34 anos de produção da autora, reitera-se o movimento de desprender-se de "uma realidade e o de mergulhar numa outra, com a [...] inevitável volta ao curso normal da trivialidade, já sob o estigma da mudança propiciada por esta vivência paradoxal, do melhor e do pior, de modo intenso e temporário" (GOTLIB, 1988, p.161).

No caso de Amor, o que o mundo visto pelo contato com o cego dá a vislumbrar atrai a personagem Ana como a uma missão — a de experimentar o novo mundo descoberto, desejo que a impele com um ímpeto irresistível ("A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar"). (p.29) A piedade pela miséria do *outro* é despertada ao mesmo tempo que a visão de sua própria indigência de vida e da vertigem de desejo de sair e



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

ver outros mundos. É uma piedade contaminada por esse desejo. O "seguir o chamado" ("O que faria se seguisse o chamado do cego?") (p.28) não é apenas um sacrifício, mas um desejo supremo ("seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã") (p.29), e também as duas coisas, inseparáveis: o servir e o servir-se ("o que faria se seguisse o chamado do cego. Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles..."). (LISPECTOR, 1983, p.28).

Seguir o cego, seguir o seco, se indiferenciar no úmido, na ampliação do Jardim, são as possibilidades vividas naquele instante, que indicam uma rejeição do mundo condicionado, do mundo defendido, temporária que seja. A piedade e o sacrifício pelo *outro* não é apenas movido pelo "desprendimento" das felicidades terrenas pregadas pela religião: é desejo de experimentar com os dentes o instante terreno ("ela amava o cego, pensou com os olhos molhados") (p.29). É movido ainda pela vontade de não abrir mão mais de outras dimensões, das sensações, em prol desse um tipo de viver racionalizado.

A fuga desse desejo, o momento tranquilo de sua ausência guarda um certo tom de sacrifício cristão, católico. Num espectro mais amplo, isso segue sendo antes um sacrifício ascético, no plano da razão, do mundo administrado e de outras camadas ancestrais, trans-históricas. Olgária Mattos discorre sobre trecho da *Dialética do Iluminismo*, no qual Adorno e Horkheimer resgatam a passagem da Odisseia na qual Ulisses ordena aos marinheiros que o amarrem ao mastro do navio, de onde ouvem o canto das sereias, sem se atirar ao mar. Para a autora (seguindo os frankfurtianos), essa "viagem metafórica realizada por Ulisses seria também aquela que a humanidade precisou realizar partindo do mito até o desenvolvimento vitorioso da razão, que exigiu o ascetismo do mundo interior. Essa razão é a da autodomação" (ADORNO; HORKHEIMER apud MATOS, 1993, p.47).

No início da narrativa, a personagem Ana sente-se "aureolada" nos momentos em que os "calmos deveres" impedem os devaneios aflitivos. No final da narrativa, quando ela começa a voltar ao estado normal, preparando o jantar, sente que "entre os dois seios escorria



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos" (Lispector, 1983, p.30), índices daquela outra vida possível.

A percepção de campos semânticos que se opõem e se complementam, em vertiginosos oxímoros, parece ser bastante reveladora de dados fundamentais do conto Amor. Nele, atritam-se sentidos de piedade, perdão/violência, asco/fascínio, fertilidade/decomposição, amor/ódio, desejo/culpa, ordem/transgressão, prazer/náusea. Esses sentidos — e os outros que estão vivos no conto, são marcados por uma convivência maior, que vai ativar suas semelhanças e diferenças. Trata-se da oposição entre natureza e cultura.

Se na natureza o que há de selvagem é sentido como parte harmônica do funcionamento daquele mundo que não nega a violência nem a morte como parte do processo da vida, o ambiente da cultura — ocidental, católica, de classe média —, parece firmar sentidos unívocos e opositivos. Enquanto na natureza as coisas estão postas de forma crua, a crueldade inatural existente na civilização é maquiada, envernizada, garantindo a superfície. Com a morte e a violência submersas sob o peso automatizador de uma naturalização (BARTHES, 1988) forjada no sentido de se fazer ver apenas as partes agradáveis da verdade, recalçando o estranho, impondo uma familiaridade cega às coisas, atrofiando a percepção.

O sentido apascentado dado pela civilização a palavras como *piedade* e *amor* é revirado por uma experiência em águas mais profundas, onde o sentido apaziguador de certos nomes atados a conceitos pedrados é desfeito. E desperta sua “piedade de leão” (LISPECTOR, 1983, p.29), abafada em meio ao mundo familiar, onde cada coisa está em seu lugar e na sua hora: a piedade, o amor e a fome das crianças.

Adorno dizia que se não tivesse sido a indiferença instaurada entre os homens, Auschwitz não teria sido possível, pois os próprios homens não o teriam tolerado. Para o autor a incapacidade de identificação entre aquelas pessoas, a indiferença entre si, teria sido a condição psicológica mais importante para que Auschwitz tivesse ocorrido “entre homens de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

certa forma educados e inofensivos” (ADORNO, 2000, p.54). Homens que hoje se sentem pouco amados, “porque todos amam demasiado pouco”. (MATOS, 1993, p.57). No romance *A maçã no escuro*, a indiferença faz o protagonista Martim relativizar o ato do assassinato, marcando seu ponto de descida, onde ele afunda, emergindo num solo comum social ressignificado, dotado de sentido pelo amor ao filho e ao gesto da mãe que escondera do menino o ato brutal tentado pelo pai. Assim, Martim se reconstrói no espaço comum de uma vida recriada. No conto Amor, de *Laços de família*, em Ana a indiferença vai ser rompida rumo ao amor em êxtase, com retorno a um mundo mesmo, a um comum das coisas ao mesmo tempo automatizado e redescoberto.

O equilíbrio de Ana no início do conto lembra o movimento do "homem indigente" de que nos fala Nietzsche, preso a conceitos que o cegam e no máximo o escravizam a uma estratégia de evitar o sofrimento. O conto Amor, em seu tecido de linguagem, parece instruído desse poder de abertura para uma intuição que permite olhar de outra maneira as coisas, com disposição para as incertezas e promessas, abertas por esse olhar revelador e renovador.

Acompanhando o que se passa na mente da personagem, o narrador vai assinalando o deslizamento de significantes, a mudança do sentido das coisas desconstruído pela visão epifânica, permitida por uma construção de linguagem que explora de maneira expressiva vários dobres da língua, fazendo dessa terra nova do desconstruído a possibilidade de um novo olhar, via focalização interna. (GENETTE, 2017). Embaralhando e multiplicando sentidos, retorcendo e desmantelando conceitos rígidos, "emparelhando o mais alheio e separando o mais próximo" (NIETZSCHE, p.36). Rasgando a certeza colada sobre palavras e vivências, desconstruindo-as, ressensibilizando-as.

O imprevisto encontro de Ana com o cego não tem o consolo da punição visto no conto O crime do professor de matemática, onde o protagonista procura "punir-se com um ato de bondade e ficar livre de seu crime [...] Como alguém dá uma esmola para enfim comer o bolo por causa do qual o outro não comeu o pão". (LISPECTOR, 1983, p.145).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

A Ana, nesse átimo epifânico, não foi dado o momento de esquivar-se. Ao leitor é dado perceber o centro desse embate, vislumbrando o corpo submerso da palavra *amor*, obscurecida e iluminada, terna e cruel em várias facetas reveladas. Aqui também o "amor como Clarice o concebe: saída de si, comunhão extasiante com o outro, desordem do corpo, náusea, piedade, revelação" (SANTOS, 1991, p.12).

Referências

- ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Conceito de iluminismo. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos Escolhidos*. Tradução Zeljko Loparié e Andréa Loparié. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. *Os Pensadores*). p.90-116.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. In: Drummond, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. José Augusto Seabra. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BARTHES, Roland. O efeito de real. In: et al. *Literatura e Semiologia*. Petrópolis: Vozes, 1972. (Col. *Novas Perspectivas em Comunicação*; 3).
- BENJAMIN, Walter et.al. O narrador. In *Textos escolhidos*, editado por Walter Benjamin et al. Tradução de Modesto Carone. p.57-74. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores).
- BUARQUE, Chico. O que será (À flor da terra). Rio de Janeiro: Phonogram, 1976.
- Disponível em <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45156/> Acesso 8 mar. 2021.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

- CAMPOS, Haroldo de. Prefácio. In: SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis, Vozes, Faculdades Integradas Tereza D'Ávila, 1979. p.11-15
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: EIKHENBAUN, B. et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973. p.39-56.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Tradução de Jayme Salomão et al. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 275-314.
- FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. In: *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1990. (Ed. Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.XXI).p.81-171.
- FREUD, Sigmund. Repressão. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outras obras*. Rio de Janeiro, Imago, 1990-e. (Ed. Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIV).p.169-189.
- GÊNESIS. In.: *Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro, Editora Age, 1977. vol.I . p.3-61.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa, Vega, s/d.
- GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Trad. Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. 130



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

GOTLIB, Nádya Batella. Um fio de voz: histórias de Clarice. In: LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo GH/ Clarice Lispector*. Ed. Crítica/ Benedito Nunes, coord. Paris, Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe.; Brasília, DF, CNPq, 1988. p.161-195.

LISPECTOR, Clarice. *A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992-a. LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992-b. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992-c. MATOS, Olgária. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo, Nova Cultural, 1987. (Col *Os Pensadores*). vol. 1.

NUNES, Benedito. Introdução e nota filológica. IN: LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo GH/ Clarice Lispector*. Ed. Crítica/ Benedito Nunes, coord. Paris, Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe.; Brasília, DF, CNPq, 1988. p.XXIV-XXXVIII.

NUNES, Benedito. O Mundo Imaginário de Clarice Lispector. In: *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 93-139.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

POE, Edgar Allan. The philosophy of composition. In: BODE, Carl; Howard, Leon & WRIGHT, Luis B., eds. *American literature*. New York, Washington Square Press, 1973.

PONTIEIRI, Regina. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. São Paulo: Ateliê, 1999. SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis, Vozes/ Faculdades Integradas Tereza D'Avila, 1979.

SANT'ANNA, A. R. de. Laços de família e Legião estrangeira. In: . *Análise de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 180-212.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O Ritual Epifânico do Texto. In: LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo GH/ Clarice Lispector*. Ed. Crítica/ Benedito Nunes, coord. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe.; Brasília, DF, CNPq, 1988. p.237-257.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Artes de fiandeira. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 5-14.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Clarice Lispector*. São Paulo, Atual, 1986. (Série *Lendo*).

VELOSO, Caetano. O estrangeiro. Rio de Janeiro: Polygram, 1989. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/o-estrangeiro.html> Acesso em 05 mar. 2021.

VELOSO, Caetano. *Queixa*. Rio de Janeiro: Polygram, 1983. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44767/> Acesso 5 mar. 2021.